

**MENINO COM SIRICUTICO: O QUE NOS FALA O CORPO DE UMA CRIANÇA AGITADA?**

**BOY WITH SIRICUTICS: WHAT DOES THE BODY OF A RESTLESS CHILD TELL US?**

**NIÑO CON SIRICUTICA: ¿QUÉ NOS DICE EL CUERPO DE UN NIÑO INQUIETO?**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-283>

**Data de submissão:** 26/08/2025

**Data de publicação:** 26/09/2025

**Débora Cristina Guerra de Araújo Vale**

Mestre

Instituição: Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: deboracrisguerra@gmail.com

**Ana Karina da Silva Azevedo**

Doutora

Instituição: Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: anakarinaazevedo@hotmail.com

---

## **RESUMO**

O termo popular nordestino siricutico designa uma inquietação corporal intensa e ajuda a compreender a agitação infantil para além de reduções biomédicas. A leitura histórico-cultural da infância evidencia a fragilidade e a variabilidade dos rótulos diagnósticos ao longo do tempo. Este estudo discute a agitação infantil à luz da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, tomando a criança como dasein e o movimento corporal como linguagem de existência. A pesquisa configurou-se a partir do mestrado orientado por Azevedo e Vale (2022), no qual apresentamos como protagonista um menino de nove anos diagnosticado com TDAH. Consideramos, nessa investigação, suas falas, desenhos, brincadeiras e gestos observados em contexto clínico-lúdico. A perspectiva da criança indica que a agitação não se reduz a aspectos biológicos do diagnóstico: ela expressa dor, culpa, tristeza e a sensação de que suas ações são sempre interpretadas como erros. O siricutico, nesse sentido, ilumina uma corporeidade pulsante e resistente à contenção normativa de uma sociedade que reprime as formas expressivas das crianças. Este trabalho busca ampliar a compreensão da infância para além dos limites diagnósticos e disciplinares, convocando-nos a refletir sobre práticas que sustentem a escuta e o reconhecimento do ser-criança. Propomos deslocar o foco da patologização para a escuta do corpo agitado como pedido de existência, articulando implicações clínicas e pedagógicas, tais como compreender a criança para além do modelo disciplinar, sustentar práticas que acolham o corporar e reconhecer a historicidade das nomeações que incidem sobre os corpos infantis.

**Palavras-chave:** Infância. TDAH. Fenomenologia.

## **ABSTRACT**

The popular Northeastern term "siricutico" designates an intense bodily restlessness and helps us understand childhood agitation beyond biomedical reductions. A historical-cultural reading of childhood highlights the fragility and variability of diagnostic labels over time. This study discusses childhood agitation in light of Martin Heidegger's hermeneutic phenomenology, considering the child as Dasein and bodily movement as the language of existence. The research was shaped by the master's thesis supervised by Azevedo and Vale (2022), in which we present as the protagonist a nine-year-old

boy diagnosed with ADHD. In this investigation, we consider his speech, drawings, games, and gestures observed in a clinical-playful context. The child's perspective indicates that agitation is not reduced to biological aspects of the diagnosis: it expresses pain, guilt, sadness, and the feeling that his actions are always interpreted as errors. In this sense, "sircutico" illuminates a pulsating corporeality resistant to the normative containment of a society that represses children's expressive forms. This work seeks to broaden our understanding of childhood beyond diagnostic and disciplinary boundaries, inviting us to reflect on practices that support listening and recognition of the child-being. We propose shifting the focus from pathologization to listening to the agitated body as a plea for existence, articulating clinical and pedagogical implications, such as understanding the child beyond the disciplinary model, supporting practices that embrace the corporeal, and recognizing the historicity of the namings that affect children's bodies.

**Keywords:** Childhood. ADHD. Phenomenology.

## RESUMEN

El término popular nordestino "sircútico" designa una intensa inquietud corporal y nos ayuda a comprender la agitación infantil más allá de las reducciones biomédicas. Una lectura histórico-cultural de la infancia resalta la fragilidad y variabilidad de las etiquetas diagnósticas a lo largo del tiempo. Este estudio analiza la agitación infantil a la luz de la fenomenología hermenéutica de Martin Heidegger, considerando al niño como Dasein y al movimiento corporal como lenguaje de la existencia. La investigación se basó en la tesis de maestría dirigida por Azevedo y Vale (2022), en la que presentamos como protagonista a un niño de nueve años diagnosticado con TDAH. En esta investigación, consideramos su habla, dibujos, juegos y gestos observados en un contexto clínico-lúdico. La perspectiva del niño indica que la agitación no se reduce a los aspectos biológicos del diagnóstico: expresa dolor, culpa, tristeza y la sensación de que sus acciones siempre se interpretan como errores. En este sentido, "sircutico" ilumina una corporalidad palpitante que se resiste a la contención normativa de una sociedad que reprime las formas expresivas infantiles. Este trabajo busca ampliar nuestra comprensión de la infancia más allá de los límites diagnósticos y disciplinarios, invitándonos a reflexionar sobre prácticas que apoyan la escucha y el reconocimiento del ser infantil. Proponemos desplazar el enfoque de la patologización hacia la escucha del cuerpo agitado como una súplica de existencia, articulando implicaciones clínicas y pedagógicas, como comprender al niño más allá del modelo disciplinario, apoyar prácticas que abarquen lo corpóreo y reconocer la historicidad de las nominaciones que afectan a los cuerpos infantiles.

**Palabras clave:** Infancia. TDAH. Fenomenología.

*Samba Lelê tá doente,  
Tá com a cabeça quebrada,  
Samba Lelê precisava  
É de umas boas palmadas.*  
— Cantiga popular brasileira

## 1 INTRODUÇÃO

A agitação em crianças é continuamente relatada por cuidadores como fonte de preocupação nos ambientes escolares e sociais. O crescente diagnóstico de TDAH<sup>1</sup>, sobretudo o tipo combinado com hiperatividade, é um desafio àqueles que esperam um modelo ideal do comportamento de uma criança. Prova disso é que, a partir do início do terceiro ano do Ensino Fundamental,<sup>2</sup> exige-se que os estudantes permaneçam sentados em sala de aula, concentrados ao conteúdo que é ministrado. Essa expectativa escolar, de natureza disciplinar, coloca a criança diante de um modelo rígido: permanecer imóvel e atenta, ainda que seu corpo insista em outras formas de expressão.

Se, por um lado, vemos cuidadores, dentre eles pais, professoras, babás preocupados com a inquietação, por outro vemos crianças em inúmeras dificuldades em corresponderem a um padrão estimado de comportamento, ou seja, parada, quieta. Tais crianças não se sentem ouvidas ou acolhidas, e para além disso, sentem-se más, tristes e culpadas por não corresponderem a tais demandas (Vale, 2022).

A questão do corpo a partir de um modelo adultocêntrico vem sendo construída desde a Idade Média. Esse discurso ganhou força com o advento de teorias higienistas e de concepções do que seria uma criança prodígio. Havia, na educação jesuítica, um modelo de santificação de crianças. Desta forma, já se construía a ideia de que a expressividade de corpos-criança precisava ser moldada, adaptada.

Este modelo normativo pressupunha uma compreensão de corpo que precisava ter uma forma certa de performar no mundo, e caso isso não ocorresse, deveria passar por punições, sejam elas por suplício físico, contenção física e controle medicamentoso. A administração de anfetaminas a crianças como forma de contenção química (Moysés & Collares, 2011) exemplifica como a medicalização da infância desloca o fracasso escolar para supostas anormalidades orgânicas (Patto, 2022).

Desse modo, a historicidade dos diagnósticos em torno do TDAH evidencia sua fragilidade e vinculação a determinados contextos socioculturais e epistemológicos. O que hoje é classificado como ‘transtorno’ — a agitação da criança — poderia, em outros tempos, ser compreendido como expressão

<sup>1</sup> O TDAH é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento ou no desenvolvimento (American Psychiatric Association, 2014).

<sup>2</sup> Para os Parâmetros Curriculares Nacionais, entre os ciclos 1 e 2 é onde se começam exigências acerca da “compreensão do que seja uma boa postura” (Secretaria de Educação Fundamental, 1998, p. 76)

legítima do ser. Isso demonstra que as formas de cuidar são atravessadas por temporalidades, espaços e regimes de saber. No contexto nordestino, por exemplo, a expressão popular ‘moleque com siricutico’ não aponta necessariamente para um desvio, mas para uma corporeidade vibrante, inquieta e, sobretudo, resistente aos modos normativos de silenciamento e controle do corpo infantil.

Heidegger (2009), embora não tenha escrito diretamente sobre crianças, nos permite compreendê-las como *dasein* no âmbito de sua ontologia fundamental. O *dasein-criança*<sup>3</sup>, como existência aberta, vivencia o mundo por meio de tonalidades afetivas e se expressa conforme sua compreensão do entorno. Essas expressões, carregadas de sentido, revelam-se na linguagem como modo de ser-com os outros. É nesse horizonte que situamos a noção de *dasein-criança* que orienta nosso artigo.

Heidegger afirma que “a linguagem é a morada do ser” (1947/1999, p. 11). Tal formulação desfaz a dicotomia entre corpo e mente, reconhecendo o corpo como expressão fenomenológica, em sentido aristotélico. Nesse horizonte, compreender crianças requer sensibilidade para captar suas formas próprias de linguagem e de habitar o mundo, mesmo quando ainda não o fazem por meio da linguagem verbal.

Diante de tal contexto, nosso artigo tem por objetivo trazer à luz algumas compreensões sobre a expressividade motora de crianças à luz da Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger. Essa perspectiva tem inspirado pesquisas recentes no campo da infância, como mostram Vale e Azevedo (2024); Melo e Azevedo (2025), ao aplicarem a hermenêutica heideggeriana para compreender modos de ser-criança. Para isso, tomamos como base o estudo de mestrado orientado por Azevedo, Vale (2022)<sup>4</sup>.

Optou-se por fundamentar o estudo nesse referencial na medida em que esta teoria possibilita uma forma de pensar a criança enquanto experiência unificada nos aspectos articulados de sentidos da existência. Acreditamos que ouvir é constitutivo do *dasein*, e nesse sentido, encaixa-se na possibilidade de aproximarmo-nos de uma comunicação da linguagem da criança com seu corpo. Assim, pretendemos trazer à luz reflexões sobre fenômeno do corporar crianças com TDAH.

<sup>3</sup> “*Dasein-criança*” não é conceito de Heidegger, mas nome dado pelas autoras ao gesto clínico: apropriação hermenêutica que deixa ver a infância como modo de ser-no-mundo.

<sup>4</sup> Trata-se de uma pesquisa de mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fundamentada na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger: Experiência de ser-criança com TDAH: compreensão hermenêutico-heideggeriana (Vale, 2022). O estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFRN (CAAE: 49784021.3.0000.5537) e seguiu as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e da Portaria nº 452/2020-R da UFRN.

## 2 A INVENÇÃO DA INFÂNCIA E OS REGIMES DE CONTENÇÃO

A constituição do sentimento de infância liga-se à maneira como a sociedade atribuiu sentidos ao corpo infantil, conforme os lugares sociais ocupados pelas crianças ao longo da história. Segundo Ariès (1978), a delimitação do referido termo varia conforme o contexto histórico, econômico e social. Nas sociedades europeias e, por consequência, nos países colonizados, introduziram-se, muitas vezes de modo impositivo, teorias alinhadas a valores morais religiosos, especialmente oriundos de práticas católicas e protestantes.

Para o autor, essa etapa era breve e pouco valorizada: restringia-se ao tempo da fragilidade biológica. Enquanto habitava o corpo indefeso do “filhote humano”, a criança recebia cuidados básicos, voltados mais à manutenção da vida do que ao reconhecimento de sua singularidade. Mal adquiridos os desembaraços físicos, já eram as crianças misturadas aos adultos.

O corpo da criança não era um elemento iconográfico, uma vez que sua representação era de um pequeno adulto, uma condição de ‘anão’, que haveria de crescer, salvo fosse alvo de feitiçaria. Tal representatividade era codificada através das roupas, pois saído dos ‘cueiros’ vestiam-se como adultos em sua condição, nos retratos de família. Havia uma indiferença ao corpo da criança, e os infanticídios tolerados e enterros juntamente a animais apresentavam o campo de substituição desta criança.

Não havia dispositivos sociais para salvar as crianças que ninguém queria preservar. Os segredos sobre os desaparecimentos e mortes dessas crianças sustentavam uma civilização do segredo na qual a vida física delas valia muito pouco.

Para o autor, tal situação mudou gradativamente com a preocupação com a condição demográfica da sociedade. A Igreja começou, desta forma a introduzir o batismo individual nas crianças recém nascidas. Com a alma imortal, a preservação da vida das mesmas saiu do anonimato. Na civilização técnica, o corpo ganha um número chamado de idade: a inscrição do nascimento, dentre os séculos XVI e XVII, imposta na França por Francisco I, suplementa a individualização e a exatidão da identidade.

As idades da vida tornam-se marcos biológicos a partir de explicações físicas jônicas. Assim, um teológico associado a um campo físico, natural, fisiológico, anatômico sobressaem-se enquanto ciências da época, fazendo oposição aos conhecimentos herdados das crenças pagãs.

Para as ciências do corpo, ou seja, naturais, o conhecimento fica limitado a relações da causalidade. O mesmo rigor que é aplicado aos ciclos vegetativos devem ser aplicados sobre o corpo humano, sobre seus humores, sobre suas incidências pessoais.

O adentramento das religiões católicas na associação entre o discernimento das idades da vida e o campo biológico trouxe à criança a indicação de seu corpo enquanto constituição física a ser moldada.

Da consorciação desses saberes veio, adicionalmente, a necessidade de separar as crianças dos adultos, para que elas não fossem ‘paparicadas’, e assim assegurar-lhe um pleno desenvolvimento. As crianças deveriam passar por uma quarentena dos adultos, e assim, enclausuradas. Ariès (1978) denomina este processo de ‘escolarização’, um movimento encabeçado pelos reformadores cristãos ligados aos catolicismo e protestantismo. A moralização deste movimento abarcou o campo da teoria higienista, que não só induziu hábitos da limpeza quanto ao comportamento em relação aos corpos.

O corpo e a mente deveriam ser limpos de impurezas. Assim, o que era tido por certo e errado passaria por tais julgamentos morais. A forma de se vestir, a sexualidade, os conhecimentos, as danças, os comportamentos, as brincadeiras.

Os jogos passam a ser legitimados pelos valores morais. Na civilização técnica tudo tem hora marcada, os momentos de desocupação e jogos também ganham uma nova configuração subjetiva para a uma sociedade regida pelo primado do trabalho. Os momentos de descanso fazem-se às escondidas, por serem associados à vergonha relacionada ao ócio. Suplementarmente, os momentos de diversão, jogos e brincadeiras também deveriam ser usufruídos com precaução. Por vezes, e com raros intervalos de jogos ‘honestos e recreativos’, que seriam: tarefas domésticas, trabalhos manuais, que não fossem fadigantes ou perigosos, para fazer jus o ‘justo repouso’. Os campos da indisciplina aconteciam em segredo, “como, por exemplo, cartas e xadrez, as crianças pequenas jogam garignos, e os mais indisciplinados jogavam dados’ (p.111).

Padres humanistas e jesuítas compreenderam que seria importante partir de uma percepção menos radical com relação aos jogos, danças e brincadeiras, e assim, disciplinando, puseram a prevalência dos editos dos padres sobre o controle dos corpos das crianças. Assim, para Ariès (1978):

Admitiu-se cada vez mais a necessidade de exercícios físicos. Fénelon escreve que os jogos de que as crianças mais gostam são aqueles em que o corpo está em movimento; elas ficam contentes de movimentarem-se. Os médicos do século XVII, inspirados nos velhos jogos de exercício, na ginástica latina dos jesuítas, conceberam uma nova técnica de higiene corporal: a **cultura física** [grifos nossos]. (Ariès, 1978, p. 113)

O que constaria, aqui já nas entrelinhas, é o olhar para o movimento do corpo enquanto técnica, enquanto instrumento. Além da cultura médica higienista de que seria necessário um corpo saudável com funcionamento de seus órgãos e músculos, no fim do século XVII, os jogos de exercício receberam outra justificativa, desta vez patriótica, de preparação aos jovens à iniciativa militar para as

guerras. Estabeleceu-se um nacionalismo moderno relacionando a técnica de uso do corpo, e assim, as crianças já deveriam ser voltadas à natureza da constituição. Poderia haver violência e pancadaria no treinamento militar, mas de acordo com a condição moral comum ao sistema da sociedade vigente. A violência formativa é naturalizada.

Essa racionalização crescente do corpo infantil, intensificada na era moderna, encontrou na teoria higienista uma de suas expressões mais emblemáticas. A obsessão com a ordem, a limpeza e o controle do comportamento consolidou-se nas escolas, nas famílias e nos saberes médicos, que passaram a enxergar no gesto espontâneo da criança — especialmente naquilo que foge ao compasso da disciplina — um indício de anormalidade. O movimento do corpo passou a ser vigiado, medido, julgado. Surgiram então os primeiros rótulos diagnósticos dirigidos às infâncias inquietas: "déficit moral", "reação hipercinética", "distúrbios da vontade", expressões que prefiguraram, séculos depois, a nomeação contemporânea do TDAH.

A máquina social da modernidade não tolerava o corpo errante: exigia dele performance, docilidade e produtividade. Exigia crianças funcionais, adaptáveis, alinhadas à lógica da eficiência. Nesse contexto, o excesso de energia, de barulho, de movimento converteu-se em desvio. Assim, práticas disciplinares e diagnósticas começaram a operar como técnicas de contenção simbólica e material: castigos, punições, vigilância escolar, medicalização. O corpo da criança, outrora entregue ao cuidado mínimo, tornou-se objeto de investimento e correção. E, paradoxalmente, quanto mais se fala em liberdade na infância, mais os corpos infantis parecem capturados por uma lógica que impõe silêncios, regula afetos e hiperconvoca as crianças a corresponderem a padrões que não foram feitas para cumprir.

A partir dessa construção histórica do corpo infantil como objeto de normatização, interessanos agora avançar na escuta do corpo agitado como fenômeno. Como o corpo que se move, que não se aquietá, pode ser acolhido na clínica como linguagem?

### **3 REFLEXÕES SOBRE O CORPO CRIANÇA: DO NASCIMENTO AO DISCIPLINAMENTO**

Iniciaremos este trecho convidando o leitor a observar como é que se configura a passagem de um bebê em seu nascimento. Em vários recortes históricos é constatado que, após a passagem do parto, determinada criança é observada, averiguada, checada. Cada cultura e sociedade tem um ritual de acolhimento de um corpo infantil no mundo. Dos partos naturais aos hospitalares, tal ritualística de recebimento deste ser ao mundo carrega um campo de zelo ao corpo recém-nascido.

Diferentemente de outras espécies, os seres humanos nascem totalmente dependentes de cuidados, e há um encargo social de que as necessidades básicas sejam atendidas para asseguramento

da sobrevivência deste pequeno ser. Há, segundo Carvalho, Bolliger, Levy e Hidalgo (2021) um agarramento a passagem desse ser-bebê para o mundo extra-uterino: agora este tem presença e possibilidades de mundo. O já nascido revela-se, segundo os autores, regido por um mundo exigente e trabalhoso, que requer cuidados com fome, sede, frio, calor, cólicas aos adultos.

No entanto, um aspecto preocupantemente curioso é: como pode o mesmo corpo que um dia foi envolto em cuidado e ternura tornar-se, com o tempo, alvo de castigos, regras e contenções — tudo em nome de um ideal de normalidade? Sob uma justificativa de correção de comportamentos tidos por inadequados, crianças que apresentam agitação apanham, ficam castigadas e retiradas de suas liberdades. Não estariam, ainda esses corpos-criança ainda dependentes de um aprendizado de vida?

Com esses questionamentos, não estamos apregoando que crianças não precisem compreender como funcionam as regras do mundo, mas questionamos aqui algumas formas de mecanismos pedagógicos, psicológicos, médicos que nos chegam revestidos de um discurso de cuidado com o corpo.

É necessário pensarmos como tais mecanismos chegam às crianças agitadas enquanto forma de cuidado. O que desvela o corpo de uma criança agitada? O que ela nos comunica em sua agitação? O que tal agitação incomoda no mundo adulto?

A agitação, por si, já anuncia um fenômeno que precisa ser compreendido em sua antecipação. Observar uma criança neste estado vai além de recursos disciplinares, pois envolve dimensões que transcendem o biológico. Não se trata de negá-lo, mas de deslocar o olhar do corpo-máquina para o corpo-vivido. A agitação é, antes de tudo, uma nomeação do outro: é o olhar adulto que significa aquele corpo em movimento, atribuindo-lhe categorias a partir da compreensão que tem do que é ser uma criança e de como este corpo deve “corporar”<sup>5</sup> no mundo.

A palavra corpo, tem origem do latim *corpus*, ou seja, algo físico, material; denomina uma massa sem vida. Pode, inclusive, significar cadáver. Observá-lo enquanto aspecto biológico é confiná-lo a mera dimensão corporal: à uma máquina. Numa perspectiva biologizante, a agitação de uma criança com TDAH seria um déficit básico no controle inibitório de comportamentos (Barkley, 2002).

Há, todavia, outras perspectivas de explicar o que se passa com a criança, e o ponto básico centra-se em ouvi-la. No nosso mestrado (Vale, 2022), ao colocarmos a criança enquanto protagonista

<sup>5</sup> “Corporar” traduz o alemão *leiben*, termo usado por Heidegger nos Seminários de Zollikon para indicar que o corpo não é objeto, mas modo de presença do *Dasein*. Trata-se da corporeidade vivida, distinta de uma visão biológica de corpo. Retomaremos o conceito em outro momento deste artigo em implicações fenomenológicas. Cf. Heidegger (2017, pp. 105, 228).

da pesquisa, conversarmos com Hambúrguer<sup>6</sup> sobre sua agitação: “*quando eu fico parado, a dor aparece, quando eu corro, a dor para. Quando tá parado, dói.*”

Essa criança não nos fala de uma disfunção. Ela nos fala de seu sofrimento. E é a partir disso que olhamos o corpo de uma criança, a partir do que nos é falado por ela. Hambúrguer nos fala que ele é seu corpo. Seu corpo tem vida, tem voz.

Definir um corpo, outrossim, não é definir uma categoria encapsulada do mundo. Isso não é uma tarefa fácil, pois estamos não só falando de corpo, mas de um corpo que nos aparece enquanto criança.

Um corpo age e é agente. Uma criança vem ao mundo através do ‘sim’ dos adultos, e sua chegada pode dar-se com maior ou menor intensidade. É justamente esta chegada que altera os dias, e tudo começa com o choro que, nos dizeres heideggerianos, não é mero som biológico, mas já linguagem lançada em significações. Esse *dasein-criança*, em sua facticidade, já está atravessado por raça, etnia, campo social, cultura e gênero biológico. Diante da alteridade, manifesta-se como corpo-vivido em presença, tal como indicam Carvalho, Bolliger, Levy e Hidalgo (2021) ao refletirem sobre a chegada da criança e sua potência de transformar os modos de viver o tempo cotidiano.

Para Le Breton (2009), é esse corpo que introduz o ente humano no espaço histórico. Trata-se de um corpo que penetra, enquanto condição corporal, os fenômenos sociais e culturais. O autor articula que é o corpo o responsável pela transformação macro e microssociais, aspecto que retomaremos ao tratar da aquisição de hábitos de higiene. Por ora, faz-se mister considerarmos um corpo que, como discutem Garanhani e Camargo (2025) no conceito de corpo-infância, transita por reflexões conflituosas entre aspectos biológicos e culturais.

Há, no olhar para o corpo-infância, segundo Prout (2006), a atenção às crianças enquanto atores sociais. O corpo transita entre lugares de agência e hibridismo. Para este autor, o campo agência é a prática humana da intervenção nos corpos, este enquanto suporte performático de expressão da identidade. É, a partir dele, que crianças negociam e contestam normas sociais. Por outro lugar, o hibridismo é a atenção ao corpo enquanto polos de estudos biológicos e sociais, um amplo contexto de reações a significados sociais.

Esse aspecto da alternância entre aquisição e ruptura das diferentes e complementares identidades corporais, em construção nas crianças, é comentado por Eagleton (2005) como uma condição curiosa e ambígua do corpo. Para ele, com efeito, a própria palavra "corpos" pode denotar tanto o singular quanto o coletivo. Trata-se da matéria herdada, puramente dada, que nos liga à nossa

---

<sup>6</sup> Hambúrguer foi o nome fictício escolhido pela criança protagonista da pesquisa.

espécie, tão implacavelmente impessoal quanto o inconsciente, um destino que nunca tivemos a condição de escolher. Nessa medida, ele é o símbolo de nossa solidariedade.

Contudo, o corpo é também individual - na verdade, pode-se argumentar que seja o próprio princípio da individuação. É porque o corpo é uma entidade em separado, local e drasticamente limitado, literalmente não aprisionado no corpo de sua espécie, que nós somos tão terrivelmente vulneráveis. É também porque estamos, como bebês, quase, mas nunca inteiramente, presos nos corpos de outros que acabamos tão necessitados e desejosos. Para compensar essa fragilidade, os corpos humanos precisam construir essas formas de solidariedade que chamamos de cultura, que são consideravelmente mais elaboradas do que qualquer coisa que o corpo possa fazer diretamente, mas perigosamente além do seu controle sensível (Eagleton, 2005).

Sob a perspectiva de como esse corpo é enviesado culturalmente, é necessário que não considerar aspectos da corporalidade e corporeidade é extrair dele aspectos simbólicos. Segundo Buss-Simão (2019), isso seria servir-se do corpo enquanto dimensão de representação coletiva e compreendê-lo como a maneira de estar no mundo, uma forma de mover-se.

Essa distinção entre corporalidade — como corpo objetivado e normatizado — e corporeidade — como corpo vivido e expressivo — é central para a abordagem fenomenológica hermenêutica. A criança com agitação não é apenas um corpo observado; ela é um ser-em-movimento, cuja expressão carrega modos próprios de estar-no-mundo.

Heidegger aponta que o corpo não se revela primeiramente como objeto ou organismo, mas como presença vivida, inseparável do existir. O corpo é a condição pela qual estamos no mundo já atravessado por sentidos e relações. Em nossa pesquisa (Vale, 2022), quando a criança diz “*quando corro a dor passa*”, vimos emergir justamente esse corpo-existência: não um déficit a ser corrigido, mas uma expressão de si mesma, um modo de estar-no-mundo que se anuncia no movimento. A agitação, nesse horizonte, deixa de ser mero comportamento desajustado e passa a ser linguagem do viver, forma pela qual a criança corporifica sua experiência e resiste a leituras que a reduziriam a uma máquina biológica.

Nas análises críticas das teorias contemporâneas, Heidegger (2017) nos alerta que os profissionais da saúde preservem sua capacidade reflexiva de situar historicamente seus conhecimentos, de modo a não reduzi-los a uma relação sujeito–objeto. Faz-se necessário compreender o corpo não como máquina, mas como corpo-no-mundo. Nesse horizonte, a corporeidade é um existencial inseparável do *dasein*, constituindo a totalidade de suas relações com o mundo.

A partir dessa compreensão, a experiência corporal é, para Heidegger (2017), um campo de abertura: o nosso ser-no-mundo consiste em estar sempre já orientado para aquilo que se mostra. A

criança, nesse sentido, é protagonista de seus movimentos porque, enquanto *dasein*, é orientada pelo e para os acontecimentos que se revelam. Como escreve Heidegger:

Somente graças a tal direcionamento, essencial do nosso *dasein*, podemos diferenciar a frente do verso, o alto do baixo, o esquerdo do direito. Graças ao mesmo ser direcionado para algo que se nos fala, podemos na verdade ter um corpo, ou melhor, sermos corporais (Heidegger, 2017, p. 228).

Assim, crianças que, no imaginário nordestino, seriam nomeadas como “moleques com siricútico”, nos desvelam aquilo que lhes aparece como fenômeno e a forma como protagonizam a performance de seus corpos — traduzindo uma corporeidade pulsante, inquieta e viva. O termo popular siricútico nos conduz a uma linguagem pré-reflexiva do corpo, anterior a qualquer nomeação diagnóstica, inscrita na existência como modo de ser-no-mundo. Nesse sentido, podemos compreendê-lo como expressão de um existir que resiste à contenção normativa, dialogando com a ideia heideggeriana de que o *dasein* está sempre já lançado no mundo em possibilidades de sentido.

#### **4 COMO COMPREENDER O CORPO COMO FENÔMENO? O CORPO AGITADO ENQUANTO EXPRESSÃO DE PEDIDOS DE EXISTÊNCIA**

Compreender o corpo sob a perspectiva hermenêutica-heideggeriana exige ultrapassar a concepção tradicional de corpo como mero *corpus*. Trata-se de ir além das dimensões biológicas e mecanicistas, retornando de forma radical ao pensamento originário aristotélico. Em Ser e Tempo, Heidegger (2020) pressupõe que o ser-no-mundo é sempre situado na condição de abertura existencialmente manifesta.

A ontologia fundamental, proposta por Heidegger (2020), apreende o corpo como ser-no-mundo: não apenas enquanto condição biológica, mas enquanto *corporeidade*; o *ser-corpo* que se dá no entrelaçamento com o mundo, nas modulações do existir.

Assim, faz parte da nossa experiência pré-reflexiva a compreensão do que significa ser corpo para além de toda tematização conceitual. A corporeidade manifesta-se em direcionamentos e distanciamentos: ao dirigir-se a algo, a presença não se perde fora de si, mas já se encontra em um “estar-junto-a”, de tal modo que o “estar fora” é também um modo de “estar dentro”. Nesse horizonte, a espacialização da presença, já desponta caminhos da corporeidade, isto é, mostra o movimento do corpo como modo de ser-no-mundo (Heidegger, 2009, p. 109).

Essa compreensão é aprofundada nos Seminários de Zollikon, especialmente no encontro de 11 de maio de 1965, quando Heidegger propõe o verbo “corporar” (*leiben*) para indicar que o corpo se dá na experiência de si mesmo. Nessa perspectiva, a corporeidade é compreendida como um

existencial, tematizada de modo explícito nos mesmos seminários e, assim como os demais existenciais, inscrita nas modulações extáticas do tempo (Heidegger, 2017).

Para expressar a dimensão temporal e dinâmica do ser-corpo, Heidegger (2017), ao referir-se ao corporar, indica que gestos, atitudes e modos de estar não são apenas ações exteriores, mas desdobramentos ontológicos do ser-no-corpo. O corporar designa, portanto, a forma como o corpo está no mundo — um corpo que não é objeto, mas presença temporalizada e expressiva do existir.

O corpo não se reduz ao que se mostra visivelmente, mas fala na própria experiência do corporar — no modo como se sente, se implica, se afeta. Assim, a corporeidade não se define por propriedades físicas, mas pelo modo como o corpo experiencia e desvela o mundo em sua presença vivida.

Interpretar o corpo como fenômeno indica não antecipar sua anunciação, mas considerá-lo presente nas suas relações com seus tempos e espaços. Há, aqui, uma extensão ilimitada. Para Heidegger (2017), se alguém se entrega a algo de alma, o seu corpo está ausente<sup>7</sup> “mas este estar ausente do corpo não é um nada, mas sim um dos fenômenos mais misteriosos da privação” (p. 105).

Ao lidar com os aspectos de privação do corpo, compreendemos que se trata de um fenômeno ontológico, ou seja, uma possibilidade do ser. Em nosso mestrado (Vale, 2022), investigamos a experiência de ser criança com diagnóstico de TDAH à luz da fenomenologia hermenêutica de Heidegger. A pesquisa revelou que o corpo infantil não é mero suporte biológico ou foco de sintomas, mas manifesta-se como uma linguagem viva, entrelaçada de sentidos que se desvelam na relação com o mundo.

O protagonista da nossa pesquisa Hambúrguer deixou registrado o quanto sua expressão corporal causava incômodo aos adultos cuidadores. Os pais diziam que ele era “muito agitado”, que “gesticulava o tempo todo com braços, pernas e olhos”, que “ficava a mil por hora” e que “tinha tiques de piscar”.

Em contato com esta criança, pudemos presentificar o que seu corpo anunciava: em alguns momentos, se coçava excessivamente enquanto falava de seu diagnóstico. Em outros, usava demasiado a borracha em um desenho. Posteriormente, pulava sentado em uma bola de pilates para falar sobre suas histórias.

Poderíamos ter somente esses elementos de estudo. No entanto, o que surge em contato com a criança é uma restrição do poder-ser, e isso se desvela através de seu corpo em aparente agitação.

<sup>7</sup> Trata-se aqui de ausência enquanto modo fenomenal de presença, não como uma cisão entre “alma” e “corpo”, mas como uma modulação do aparecer.

Em vários momentos da pesquisa, a criança falava que seu TDAH é uma forma de “*perder a paciência*”, “*ficar agoniado*”, “*ter aperreio*”, “*ter tiques*”. Isso desvela o não ter domínio de seu tempo, um desabrigamento quanto às questões relacionadas ao próprio diagnóstico.

Ainda nesta pesquisa, Hambúrguer representa a divisão entre aqueles que têm e os que não têm TDAH. As pessoas sem TDAH, segundo ele, podem brincar do que quiserem: “elas têm uma vida mais divertida, se entreterem, ter curiosidade e liberdade para entregar-se às novidades das possibilidades com os outros e consigo mesmas” (Vale, 2022, p. 96). Isso nos levou a pensar que, muitas vezes, a criança com TDAH encontra-se fragmentada em sua própria existência.

Para além disso, durante a execução do desenho livre, começou a ficar com a pele avermelhada, e usando a borracha, coçou-se. Vimos como um pedido de Hambúrguer para que seu corpo fosse ouvido. Apesar da medicina ter nomeado seu diagnóstico “*dermatite*”, perguntamos à criança sobre o que ela estava pensando ou sentindo, e ela nos falou “*tudo que faço é errado*” e acrescentou: “*Eu vi a resposta da menina [colega de sala] e aí eu apaguei a minha resposta certa*”.

Hambúrguer nos fala de um corpo invadido pelas medicações, pelo controle institucional. Para ele, é um fardo ter que fazer o que os outros pedem. Seu mundo aparece como restrição. O seu corpo aqui entra como pedido de experiência, de necessidade de viver imediata. A sua corporeidade, enquanto condição de indigência, lança-o para a frente, arrastando uma vida que lhe é sempre adiada.

Lembramos que esta pesquisa foi permeada pela liberdade experiencial na ludoterapia. Hambúrguer pôde fazer outras atividades. Nos momentos de fabricação de uma meleca, ele seguiu atenciosamente o passo a passo da pesquisadora e não deixou materiais sujos. Noutro, ele permitiu-se olhar pela janela do meu consultório; não apresentou agitações. Em seu contemplar, até sua respiração ficou mais profunda.

Diante disso, compreendemos que o corpo agitado de Hambúrguer não pode ser reduzido à disfunção de um organismo ou à desregulação de um comportamento. Seu corpo fala, exige escuta, clama por mundo. Quando se coça, quando apaga, quando pula, quando silencia diante da janela, não são apenas movimentos físicos, mas modos pelos quais sua existência se faz presente e tenta se sustentar no mundo. O que se mostra é a urgência de um corpo que não se adapta a formas estanques de normalidade, mas que insiste em ser, ainda que nas bordas, ainda que nos excessos.

Para a fenomenologia hermenêutica heideggeriana, é por meio do corpo que a afetação se concretiza. Nesse horizonte, o corpo agitado de Hambúrguer pode ser compreendido como expressão dessa abertura sensível e inquieta: um corpo que, ao manifestar-se com intensidade, torna-se o lugar onde o mundo se inscreve e se converte em experiência de existência; um corpo que existe em seu próprio ritmo.

## 5 SIRICUTICO: O “NORDESTINÊS” COMO CHAMADO À RESISTÊNCIA!

O termo *siricutico* designa, no imaginário popular nordestino, uma inquietação corporal intensa: um arrepio, um comichão que atravessa o organismo quando algo incomoda, excita ou angustia. Essa expressão remete a um corpo em movimento, afetado por algo que não se pode conter. No *Dicionário do Falar Nordestino*, Cascudo (2001) descreve *siricutico* como uma forma de agitação física involuntária, associada a estados de impaciência ou excitação que emergem de dentro e irrompem pelo corpo.

Ao considerarmos o corporar como originariamente pré-reflexivo no *dasein*, compreendemos o corpo como sentir-existência. Ele não depende de pensamento conceitual ou racional para existir: expressa-se continuamente em sua afetividade originária. A cultura popular nordestina, em sua sabedoria encarnada, já reconhece esse caráter constitutivo do sentir quando nomeia experiências como o *siricutico*, em que o vivido se manifesta no gesto, na vibração, no tremor, no desassossego do corpo.

As linguagens, para Heidegger (2020), não são meramente meios de comunicação, mas modos originários de desvelamento do ser. Isso implica compreender que o próprio corpo, em sua expressividade, também é linguagem — não apenas articulada em palavras, mas nos modos de andar, de sentar, de brincar, de silenciar.

Importa ressaltar que o ser-corpo não se mostra apenas nas dimensões da existência (passado, presente e futuro), mas está intrinsecamente ligado à historicidade e à temporalidade do *dasein*. A historicidade envolve o ser lançado numa cultura, numa tradição, numa linguagem — e com ela, em práticas, ritos e sentidos herdados. Ao pensarmos nos saberes populares, compreendemos que tais culturas possuem linguagens próprias, anteriores e muitas vezes mais sensíveis do que o saber científico. Elas nomeiam experiências vividas em expressões saturadas de corpo e afeto, sendo o *siricutico* um exemplo marcante.

O *siricutico*, aqui, remete a um campo de resistência dos corpos infantis. Corpos diagnosticados como hiperativos desvelam um contexto em que não se atendem prontamente aos apelos do mundo adulto. São crianças que não silenciam: barulhentas, inquietas, desorganizadas. Para elas, estabelece-se um plano de intervenções a seguir: protocolos médicos e neurológicos, treinamentos, programas de psicoeducação para os pais e medicação. Contudo, mesmo sob o efeito de anfetaminas, esses cérebros ainda não correspondem aos chamados da hiperconvocação. E os adultos se veem, então, às voltas com a pergunta: o remédio não funciona?

O corpo não corresponde porque a alma está ausente. Encontra-se fora de si. Heidegger (2017, p. 105) ilustra esse movimento: “Se alguém vive, como se diz, no mundo da Lua, que função teria seu corpo? Quando o filósofo Tales, caminhando pensativo, caiu num buraco e as moças caçoaram dele,

seu corpo não estava exatamente no mundo da Lua, mas sim ausente". De modo semelhante, o corpo agitado da criança pode parecer deslocado em relação às expectativas adultas. Contudo, essa ausência não significa vazio ou falta, mas outra forma de presença que resiste ao enquadramento normativo.

Espera-se dos corpos infantis que sejam dóceis, obedientes e moldáveis atendendo aos padrões de normalidade estabelecidos por instituições disciplinares como a escola, a família e a medicina. A esses corpos normais é reservado o privilégio da invisibilidade – pois apenas os que transgridem, falam alto, movem-se demais ou resistem às normas tornam-se alvos de correção e punição. Os que não se adequam, os que saem da curva, passam a ser vigiados, controlados e, se necessário, medicalizados ou excluídos. O que há em nosso tempo que não sustentamos a diferença?

Pensar em siricúlico como uma potência de resistência simbólica ao diagnóstico é abrir espaço para uma hermenêutica do corpo que não se reduz à leitura biomédica. Um corpo considerado com siricúlico nos desvela, dentro da perspectiva heideggeriana, uma tensão entre a facticidade (aquilo que é dado) e a possibilidade (aquilo que pode vir a ser). No campo hermenêutico, esse corpo expressa um mundo em desajuste, não como defeito, mas como abertura: um corpo que escapa às definições, que insiste em ser na singularidade da sua expressão, que se nega a ser apenas diagnóstico e se mostra como clamor de existência.

## 6 PARA NÃO-CONCLUIR: DESPATOLOGIZAR O GESTO, ESCUTAR O SER

Retomamos aqui o que dissemos no início: a inquietação infantil, muitas vezes nomeada como agitação ou TDAH, é interpretada sob os parâmetros de uma normalidade idealizada, construída por práticas escolares, médicas e familiares que exigem da criança um corpo imóvel, atento, funcional. O diagnóstico visa conter o que escapa, o que transborda, o que se move fora do tempo-espacô esperado.

Aquela nomeação, erguida como verdade, parece poder de categorizar e explicar qualquer comportamento não desejável. Deixamos de questioná-lo e de tentar compreendê-lo. Essa palavra-verdade parece totalizar quem a criança passa a ser, e é com ela que os adultos passam a se relacionar: não mais com a criança em si, a partir de quem ela é. Contudo, como nos ensina Heidegger (2017), o corpo não é uma máquina a ser calibrada: ele é o lugar da existência, o modo como o *dasein* se dá no mundo, e, portanto, cada gesto, cada movimento, cada silêncio, é linguagem. Escutar o corpo é escutar o ser.

Como mostra Foucault (2002) em *Vigiar e Punir*, a sociedade moderna constrói mecanismos minuciosos de controle dos corpos a partir da vigilância, da disciplina e da normalização. Em *Os Anormais* (1974), ele evidencia como a medicina se alia ao saber jurídico para definir quem é "menor" não apenas em idade, mas em condição de fala, de escuta e de direitos, submetendo as crianças a uma

dupla captura: pela lei e pela ciência. Assim, o corpo da criança não pertence a ela, mas é administrado por adultos, legisladores e especialistas, que autorizam o médico a ouvir sua “confissão”, a interpretar seus gestos e a prescrever condutas para sua alma. Fica clara a perseguição médica da infância, como se toda criança devesse ser monitorada por possíveis desvios futuros.

Hambúrguer nos mostrou isso com a força de sua experiência. Quando dizia que doía ficar parado, mas que a dor cessava ao correr, revelava mais que um incômodo físico: desvelava um modo de ser-no-mundo em busca de sentido, liberdade e presença. Sua agitação não era disfunção, era existência em luta. Seu corpo dizia o que a linguagem formal ainda não conseguia abarcar: “tudo que faço é errado” e ao apagar a resposta certa, gritava pela possibilidade de se inscrever no mundo sem medo, sem culpa, sem correção.

Compreendemos que o siricutico não é apenas expressão individual, mas um apelo das crianças frente às práticas de silenciamento e contenção. Ao manter vivo um vocabulário que legitima o corpo agitado como parte do existir infantil, a cultura popular revela-se como espaço de produção de sentidos sociais alternativos à patologização. Reconhecer essa dimensão é também reconhecer que o coletivo social precisa escutar não só as crianças, mas as formas de significação que emergem em seus contextos culturais. O siricutico, nesse campo, afirma-se como contribuição crítica: mostra que a infância não é apenas diagnosticada, mas também resiste, nomeia-se e se inscreve socialmente em sua diferença.

Por sua vez, Arendt (1975) nos adverte, em sua reflexão sobre a crise na educação, que a negação da liberdade da criança em nome da obediência absoluta não apenas destrói a possibilidade do novo, mas fere a própria cultura: ao não permitir que a criança entre no mundo como um ser único, bloqueia-se o surgimento do inesperado, justamente o que poderia renovar e salvar o mundo em crise.

Talvez, nosso gesto mais radical como adultos seja o de não sabermos de antemão o que fazer com a infância: tentar não prescrevê-la em imagens, em modos de ser.

É esse não saber que nos abre à presença misteriosa de cada criança como um mundo por vir. Não temos um mapa. Temos, talvez, apenas a coragem de ficar diante do outro sem manual, sem pressa, sem querer consertar. Talvez o mundo precise mesmo de mais crianças com siricutico: não para medicalizá-las mas para ouvi-las, compreendê-las e compreender, assim, o mundo onde existências infantis acontecem.

Afinal, o siricutico fala mais da criança ou do mundo onde o ser criança acontece? Porque elas ainda se movem. Ainda tremem. Ainda vivem. Ainda chamam. E nos convocam a um mundo mais verdadeiro, mais escutado e, quem sabe, mais livre.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (M. I. C. Nascimento, Trad.; 5<sup>a</sup> ed.). Artmed.
- Ariès, P. (1978). História social da criança e da família (2<sup>a</sup> ed.). LTC.
- Arendt, H. (1975). Entre o passado e o futuro (5<sup>a</sup> ed.). Perspectiva.
- Azevedo, A. K. D. S., & Vale, D. C. G. D. A. (2024). Experiência de ser criança com TDAH: compreensão hermenêutica-heideggeriana. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 27, e220742.
- Barkley, R. A. (2002). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: guia completo e autorizado para os pais. Artmed.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais: Brasília, DF: MEC/SEF.
- Buss-Simão, M. (2019). Corporeidade e educação: possibilidades de reintegração do corpo e do movimento nos processos formativos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 100(255), 98–116.
- Camargo, G. B., & Garanhani, M. C. (2025). O corpo criança e o corpo adulto na pesquisa com crianças. Práxis Educativa, 20.
- Carvalho, M. T. F. de, Bolliger, M. M., Levy, T. M., & Hidalgo, L. A. D. (2021). Psicologia, infância e políticas públicas. Cortez.
- Cascudo, L. C. (2001). Dicionário do falar nordestino (3<sup>a</sup> ed.). Global.
- Eagleton, T. (2005). A ideia de cultura. UNESP.
- Foucault, M. (2001). Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975) (E. Brandão, Trad.). Martins Fontes.
- Foucault, M. (2002). Vigiar e punir: nascimento da prisão (R. Ramalhete, Trad.; 26<sup>a</sup> ed.). Vozes.
- Heidegger, M. (1999). Carta sobre o humanismo (E. Stein, Trad.). Centauro. (Obra original publicada em 1947)
- Heidegger, M. (2009). Introdução à filosofia (M. Casanova, Trad.). Editora WMF Martins Fontes.
- Heidegger, M. (2017). Os seminários de Zollikon (E. F. Moura & A. N. da Costa, Trads.). Forense Universitária.
- Heidegger, M. (2020). Ser e tempo (M. S. C. Schuback, Trad.; 2<sup>a</sup> ed.). Vozes.
- Le Breton, D. (2009). A sociologia do corpo (6<sup>a</sup> ed.). Vozes.

Melo, M. B. D., & Azevedo, A. K. S. (2025). Compreensões Fenomenológico-Existenciais acerca da Experiência de Suicídio na Infância: "E Existe?". *Psicologia: Ciência e Profissão*, 45, e278009.

Moysés, M. A. A., & Collares, C. A. L. (2011). O lado escuro da dislexia e do TDAH. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *A exclusão dos incluídos: Uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos* (pp. 103–153). EDUEM.

Patto, M. H. S. (2022). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. Editora 34.

Prout, A. (2006). Corpo, infância e sociedade. In A. James & A. Prout (Orgs.), *Construindo e reconstruindo a infância: novas direções sociológicas na área da infância* (2<sup>a</sup> ed., pp. 125–140). Artmed.

Vale, D. C. G. A. (2022). Experiência de ser-criança com TDAH: compreensão hermenêutico-heideggeriana [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da UFRN.